

*Antes e depois da revolução  
de 1989 na Alemanha:  
memórias e histórias*

*Rosani Ketzer Umbach*

Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, Brasil

**Resumo:** Este artigo enfoca memórias e histórias em três obras da literatura alemã contemporânea publicadas depois da queda do Muro de Berlim em 9 de novembro de 1989. Passados vinte anos desse significativo evento histórico, surgem perguntas como: já é possível perceber novas tendências na literatura produzida nessas duas últimas décadas? Como é lembrado na literatura o período antes e depois da queda do Muro?

**Palavras-chave:** ficção e história; memória; revolução.

**Abstract:** This article focuses on memories and histories in three works of contemporary German literature, which were published after the downfall of the Berlin Wall at November 9<sup>th</sup> 1989. Twenty years after this significant historical event, there emerge questions like: are there already new tendencies in literature produced in the last two decades? How is the time before and after the downfall of the Wall remembered in literature?

**Keywords:** fiction and history; memory; revolution.

Em 9 de novembro de 1989, Berlim foi o palco de uma revolução singular: um povo, protestando pacificamente, domina uma ditadura – e uma das fronteiras mais bem vigiadas do mundo – o Muro de Berlim – desmorona. O fato de uma ditadura ser derrubada pelo povo, aliado à dissolução da fronteira interna entre os dois Estados alemães, constitui um dos acontecimentos históricos mais importantes e interessantes da história alemã.

O Muro de Berlim, cuja construção foi iniciada na noite de 13 de agosto de 1961, tornou-se símbolo de uma época repleta de agitação e perseguições políticas, de revoluções e divisões que ocorreram após a Segunda Guerra Mundial na Alemanha. Ao mesmo tempo, sua queda em 1989 surpreendeu o mundo e representou um período de esperança e libertação no final do século XX.

Como referência a essa virada surpreendente na história alemã do pós-Guerra, cunhou-se a terminologia “revolução pacífica” para distingui-la do conceito tradicional de revolução, a qual é definida, do ponto de vista político, como “subversão violenta ‘de baixo’ (ao contrário do golpe de estado ‘de cima’) por um novo grupo de comando, com o objetivo de criar uma nova ordem e também defendê-la contra qualquer outra subversão, mesmo com violência.”<sup>1</sup> A tomada do poder geralmente é acompanhada por medidas que visam a afastar e neutralizar os velhos detentores da dominação e a aumentar e legitimar as novas forças. Assim também a mudança revolucionária ocorrida em 1989, que teve como pré-condição favorável os grupos de oposição que se organizavam anteriormente em marchas pela paz, constituindo forças movedoras de entusiasmo e determinação, evocadas por palavras de ordem e slogans. Embora a subversão da ordem tenha ocorrido sem violência, o termo “revolução” é utilizado aqui no sentido de uma mudança profunda da estrutura política, econômica e social vigente na República Democrática Alemã (RDA)<sup>2</sup> até então.

Hoje, passados 20 anos, percebe-se que aquele período de intensa agitação e as consequências advindas da unificação alemã se refletem no trabalho de vários escritores de forma criativa e por vezes irreverente. Em 1994, porém, compreensivelmente a historiografia literária ainda não havia registrado essa tendência, conforme se lê no epílogo da *História da*

1 Cf. DTV-Lexikon, vol. 15, p. 159. Tradução livre de: „...der gewaltsame Umsturz >von unten< (im Unterschied zum Staatstreich >von oben<) durch eine neue Führungsgruppe, mit dem Ziel, eine neue Ordnung zu schaffen und diese dann gegen jeden weiteren Umsturz auch mit Gewalt zu verteidigen.“ (As demais citações da bibliografia em alemão, inclusive dos textos literários, neste artigo também são de minha responsabilidade.)

2 Tradução de “Deutsche Demokratische Republik” (DDR), nome oficial do país até a unificação.

*literatura alemã de 1945 até a atualidade*: “A virada, os novos temas sociopolíticos, o confronto com a herança da literatura da RDA ainda não permitiram o surgimento de lançamentos literários inovadores.”<sup>3</sup>

No ano de 2000, entretanto, a edição ampliada da *Pequena história da literatura da RDA* já apontava algumas tendências na literatura da Alemanha Oriental produzida depois da queda do Muro, embora negasse ter havido uma linha divisória estritamente demarcada em 1989.<sup>4</sup> Antes disso, já havia aproximações entre a literatura do leste e do oeste alemães, pois os autores representativos da RDA utilizavam, a partir do final da década de 1960, as possibilidades de escrita da literatura moderna, nas quais se manifestavam a crise da consciência histórica, dos projetos sociais, do sujeito e, conseqüentemente, também das concepções tradicionais de literatura. Características como auto-reflexividade, multiplicidade de perspectivas, polifonia, intertextualidade, procedimentos de montagem e colagem, fragmentação e desconstrução da linguagem, escrita fantástica ou onírica eram encontradas em obras de Christa Wolf, Heiner Müller, Christoph Hein e outros.<sup>5</sup> Na visão de Emmerich, essas aproximações entre a literatura do leste e do oeste alemães já antes de 1989 mostram que não houve uma ruptura e que aos poucos a literatura da RDA deixará de existir naturalmente.<sup>6</sup>

Seguindo essa visão, em 2006 Emmerich publica um artigo intitulado “O campo literário Alemanha – 15 anos depois da mudança”, no qual se refere a uma “literatura alemã contemporânea” (“deutsche Gegenwartsliteratur”),<sup>7</sup> portanto unificada. Na retrospectiva que faz dessa literatura publicada depois da queda do Muro, aponta novas tendências, dentre as quais destaca a assim denominada *Geração 89*, formada por escritores com novas experiências históricas, novas mentalidades e um uso diferenciado da mídia, enfim, com o estilo de uma nova geração. Tanto os autores como os protagonistas desses livros seriam criaturas pós-modernas, para além da guerra, da miséria e da ditadura, mas também livres de culpa, vergonha e consciência

Antes  
e depois da  
revolução  
de 1989 na  
Alemanha:  
memórias  
e histórias

---

221

---

3 Cf. Barner, W. (Org.) *Geschichte der deutschen Literatur von 1945 bis zur Gegenwart*, 1994, p. 938: „Die Wende, die neuen gesellschaftspolitischen Themen, die Konfrontation mit der Erbschaft der DDR-Literatur haben noch keine innovativen literarischen Würfe hervortreten lassen.“

4 Cf. Emmerich, W. *Kleine Literaturgeschichte der DDR*, 2000.

5 Cf. Emmerich 2000, p. 522.

6 Idem, p. 506. Mostrando coerência com essa ideia, o autor afirma, no prefácio da obra, que não continuará mais a escrever a história da literatura da RDA (p. 10).

7 Cf. Emmerich, W. „Das literarische Feld Deutschland – 15 Jahre nach der Wende“. *Revista de Filología Alemana* 2006, vol. 14, p. 113–130. Aqui, p. 115.

pesada e, além disso, muito distantes do engajamento político e da idéia de contribuir com a concretização de uma utopia grandiosa.<sup>8</sup>

Por outro lado, coexiste com essa nova geração aquela dos escritores que se tornaram consagrados antes de 1989 e que continuam produzindo literatura depois do Muro de Berlim. Uma das tendências levantadas por Emmerich na literatura dos autores que viveram sob o regime socialista foi a “reapropriação do não-dito em autobiografia e documento”.<sup>9</sup> Nesta tendência encontram-se várias obras de documentação a partir de fontes históricas abordando as relações entre a Stasi – como serviço secreto a favor do estado – e os escritores envolvidos – como colaboradores, vítimas ou ambos. Além disso, contam-se aqui obras autobiográficas como as de Günter de Bruyn e Heiner Müller, entre outros.

De um modo geral, o que a literatura desses escritores tinha em comum nos primeiros anos depois da queda do Muro, até 1995, de acordo com Emmerich, era a necessidade de tratar do acúmulo de experiências antigas e, ao mesmo tempo, sem pausa, reorientar-se sob o impacto e a pressão inevitável de experiências atuais.<sup>10</sup> A meu ver, essa tendência continua até os dias de hoje, conforme se pode verificar em publicações mais recentes, tanto de escritores da geração mais antiga, como Christa Wolf (\*1929), e da geração intermediária, como Herta Müller (\*1953), quanto da assim denominada *Geração 89*, como Ingo Schulze (\*1962).<sup>11</sup>

Meu objetivo aqui é refletir sobre obras desses três autores, as quais foram publicadas depois da queda do Muro de Berlim, entre 1997 e 2002, e que contêm em seus enredos memórias e histórias relacionadas às “experiências antigas”, anteriores à queda do Muro, sob a perspectiva da atualidade. Seguindo a ordem cronológica de publicação, trata-se dos seguintes textos: *Die rote Blume und der Stock* (1997), de Herta Müller, *Simple Storys* (1998), de Ingo Schulze e *Leibhaftig* (2002), de Christa Wolf.

## MEMÓRIAS DA DITADURA EM *DIE ROTE BLUME UND DER STOCK* (1997)

Herta Müller faz parte do grupo de escritores da literatura alemã que emigraram de seu país de origem, passando a viver na Alemanha. Ela nasceu

8 Idem, p. 125.

9 Cf. Emmerich 2000, p. 478.

10 Id., *ibid.*

11 Ainda em 2008, por exemplo, foi publicado o romance *Der Turm*, de Uwe Tellkamp, que tem como cenário a antiga RDA.

em 1953 na Romênia (Nitzkydorf, Banat), passou a infância e juventude sob o regime comunista, formou-se em Letras e foi tradutora até ser demitida de seu trabalho por motivos políticos, sendo perseguida até que deixou a Romênia em 1987.

O conto de Herta Müller, intitulado *Die rote Blume und der Stock* (A flor vermelha e a vara), foi publicado em 1997.<sup>12</sup> Nele, a narradora rememora uma experiência breve, de duas semanas, como professora de um jardim de infância na Romênia, sob a ditadura de Ceausescu.

A narrativa tematiza sobretudo o culto à personalidade – para o qual a rosa vermelha é um símbolo – e a educação para “a autonegação e a submissão”, simbolizada pela vara.<sup>13</sup> A flor vermelha faz parte de uma canção que as crianças cantam no jardim de infância e que trata da colheita de flores. Depois da primeira estrofe, cujo tema são campos e gramados, a canção passa ao culto à personalidade: “A flor vermelha mais bela era presenteada ao líder amado. Na terceira estrofe, o líder se alegrava e sorria, porque ele era o melhor para todas as crianças no país.”<sup>14</sup> A narradora caracteriza a ideologia do regime como “religião socialista” em analogia ao “medo perante Deus” que o padre do povoado queria incutir na cabeça das crianças: “O que quer que faças, Deus está te olhando, ele é infinito e onipresente. O retrato do ditador, exposto n-mil vezes no país, era apoiado pela irrigação com sua voz.”<sup>15</sup> O ditador surge como líder todo-poderoso, temido e incontestável, a quem é devido louvor e obediência.

Outras lembranças da narradora sobre a ditadura na Romênia poderiam ser arroladas: as transmissões das falas de Ceausescu por rádio e televisão por horas a fio – sua voz deveria pairar no ar todos os dias como forma de controle; o esforço dos funcionários para imitar os gestos do ditador; as figuras cambiáveis que se orientam pela mecânica vantajosa de uma posição política, a fim de corresponder à carreira; o uso da linguagem na sociedade vigiada da Romênia – com suas fórmulas ocas, formatadas, das quais as pessoas se servem nas longas reuniões e às quais faltaria todo

Antes  
e depois da  
revolução  
de 1989 na  
Alemanha:  
memórias  
e histórias

---

223

---

12 O texto faz parte de uma coletânea de ensaios intitulada *Literatur in der Diktatur* (Literatura na ditadura), organizada por Günther Rüter (1997, p. 53-57). Apresentei a análise desta narrativa de Herta Müller como parte de meu trabalho no Encontro Regional da ABRALIC 2007 (v. Umbach 2007).

13 Cf. Müller 1997, p. 55.

14 Id., *ibid.*: „Die schönste, rote Blume wurde dem geliebten Führer geschenkt. In der dritten Strophe freute der Führer sich und lächelte, weil er zu allen Kindern im Lande der Beste war.“

15 Cf. Müller 1997, p.53: „Was du auch tust, Gott sieht dich, er ist endlos und überall. Das zigtausend Male ins Land gestellte Porträt des Diktators wurde unterstützt durch die Berieselung mit seiner Stimme.“

e qualquer sopro pessoal. O jargão político infiltrado na língua é alvo de críticas da narradora. Depois de sua experiência com crianças de jardim de infância – já aos cinco anos de idade a imitação de Ceausescu seria absolutamente visível – ela é de opinião que a desfiguração trágico-ridícula da língua romena não se deve apenas à imitação do ditador por parte das crianças, mas também ao fato de lhes ter sido tomada a individualidade; esses supostos imitadores, portanto, nem sequer teriam uma outra gestão própria.

Essa supressão de tudo que é pessoal teria acontecido às crianças pela educação. Em suas lembranças do primeiro dia de trabalho, a narradora teria tentado despertar emoções nas crianças através de canções infantis, as quais cantava com elas; mas as crianças conheciam apenas canções do partido, que eram mais gritadas e latidas do que cantadas e exigiam ausência de espírito: “O despertar de suas emoções começava apenas quando elas ficavam em posição de sentido e latiam. Não era permitido apreender-se como indivíduo e, a partir deste ponto, suportar os detalhes em si e nas coisas, como é em uma socialização civil.”<sup>16</sup> Em vista disso, a narradora teria tentado ensinar às crianças a canção de inverno “*Schneeflöckchen, Weißröckchen*” (Floquinho de neve, sainha branca), levando-as para passar na neve, porém a diretora teria proibido a atividade, gritando: “*dieses Lied steht in keinem Programm*” (esta canção não está em programa algum). Aos poucos a narradora nota que as proibições impostas e o estudo do programa ideológico teriam causado danos irreversíveis nas crianças. Sua conclusão é de que objetivamente era proibido ensinar algo pessoal aos menores, os de três anos de idade, mas subjetivamente ainda teria sido possível. Aos de cinco anos de idade, também já era impossível subjetivamente, era tarde demais. Na visão da narradora, a doutrinação de crianças nessa idade já estaria internalizada.

A vara é um símbolo para este tipo de educação: “*Ohne den [Stock] geht es nicht*” (Sem ela [a vara], não dá), teria dito a diretora do jardim de infância à narradora em seu primeiro dia de trabalho.<sup>17</sup> Ela rememora que na estante havia cerca de dez varas, galhos de árvores da grossura de um lápis e do comprimento de uma régua. Três delas estavam quebradas. As crianças estariam acostumadas às pancadas, elas teriam até mesmo necessidade delas: “O choro sob a vara era para elas a única forma pela qual se

16 Cf. Müller 1997, p.55-56: „Ihre Gefühlsregungen begannen erst beim Strammstehen und Bellen. Sich als Einzelner zu begreifen und von diesem Punkt aus die Details an sich und den Dingen auszuhalten, wie es zu einer zivilen Sozialisation gehört, das wurde nicht zugelassen“.

17 Cf. Müller 1997, p.54.

sentiam como pessoas. Fazia-nas sobressairem-se da coletividade.”<sup>18</sup> Assim, ao invés da linguagem comum, é utilizada a vara como meio de comunicação no jardim de infância. Ela corresponderia ao transe das frases debulhadas.

A flor vermelha e a vara são como símbolos que ficam vivos na memória. Eles representam plasticamente a memória individual, que seleciona determinadas situações na vida e as concentra como símbolos. Em analogia à vida real, na qual transformamos episódios específicos em lembranças absolutas<sup>19</sup>, a narradora aponta eventos simbólicos de seu passado, salientando com isso as condições sob a ditadura em seu país de origem. O texto descreve os privilégios dos funcionários do partido e ao mesmo tempo a perseguição e o uso da repressão contra pessoas por motivos políticos, ou seja, por elas não se submeterem ao sistema ditatorial. Por não se sujeitarem, sofrem demissões do trabalho sob alegações como individualismo, não-adaptação à coletividade e falta de consciência socialista.<sup>20</sup> O poder é de tal forma repressor que as pessoas são tolhidas em sua subjetividade, autonomia e auto-realização, sendo obrigadas a sujeitar-se ao poder absoluto do regime para poderem viver no país.

*Na narrativa de Herta Müller, embora não seja diretamente tematizada, a memória constitui a base da narração e evidencia a consciência histórica que subjaz à narrativa. Ela se vale de símbolos para produzir sentidos.* As lembranças mais intensas resultam em uma construção narrativa, na qual imagens, motivos e símbolos têm um importante papel a desempenhar: a flor vermelha e a vara apresentam-se como suportes de uma função, como elementos detentores de sentido. Eles sustentam a interpretação das lembranças inseridas na narrativa.

Em se tratando de memórias da ditadura, evidencia-se a importância histórica dos eventos narrados. No texto de Herta Müller, que foi coagida ao exílio em consequência de sua oposição ao regime político na Romênia, há um entrelaçamento de seu relato com o período histórico do socialismo de inspiração soviética em seu país.

Como na Romênia, também na RDA o regime político seguia as diretrizes do bloco soviético, baseando-se no dirigismo ideológico das instituições, inclusive das escolas. O Muro de Berlim, concebido e concretizado pela ditadura da Alemanha Oriental para impedir que seus habitantes

Antes  
e depois da  
revolução  
de 1989 na  
Alemanha:  
memórias  
e histórias

---

225

---

18 Cf. Müller 1997, p.57: „Das Weinen unterm Stock war für sie das einzige, wodurch sie sich als Person spürten. Es hob sie heraus aus dem Kollektiv“.

19 Cf. Kotre 1996, p.127.

20 Cf. Müller 1997, p.54.

emigrassem para a parte ocidental da cidade, tornou-se um símbolo da repressão política e da intransigência do partido unitário. Ambientado no que ele denomina “província” da Alemanha Oriental, o romance de Ingo Schulze rememora episódios relacionados ao antigo regime vigente nesse país até 1989, ao mesmo tempo em que traz histórias de personagens que tentam se adaptar ao novo sistema.

## MEMÓRIAS DA RDA DEPOIS DA QUEDA DO MURO EM *SIMPLE STORYS* (1998)

Rosani  
Ketzer  
Umbach

---

226

Ingo Schulze, nascido em 1962 em Dresden, viveu na antiga RDA até 1990 e é considerado escritor pertencente à *Geração 89*. Estudou Filologia clássica até 1988 em Jena e foi dramaturgo até 1989–90 na pequena cidade de Altenburg, onde também fundou o jornal “Altenburger Wochenblatt” (Semanário de Altenburg). Desde 1993, vive em Berlim.

*Simple Storys*, como o título anuncia, é composto por 29 capítulos em formato de histórias curtas, episódios independentes, que compõem uma narrativa fragmentada, apresentada por meio de múltiplas perspectivas. Assim, 13 histórias são narradas pela visão de uma das personagens e, intercaladas a elas, outras 16 apresentam um narrador onisciente. Apesar dessa divisão, trata-se de um romance, conforme indica o subtítulo “Ein Roman aus der ostdeutschen Provinz” (Um romance da província alemã oriental), pois evidencia-se uma rede de relações entre as personagens e os episódios, cujos fios narrativos convergem para um enredo maior que engloba as quase quarenta personagens. A multiperspectividade daí resultante transforma o romance em uma espécie de quebra-cabeça, diante do qual cabe ao leitor o papel de juntar as partes.

A pequena cidade de Altenburg, que serve de cenário para a maioria das histórias, torna-se exemplar para o interior da Alemanha oriental no início dos anos de 1990. É por meio de sua descrição que são transmitidas impressões sobre a mentalidade e os costumes de seus habitantes. O comportamento das personagens em relação ao novo sistema deixa entrever que elas estão desorientadas e inseguras quanto ao futuro.

Em *Simple Storys* há relativamente poucas referências diretas ao contexto histórico que motivou a queda do Muro e a unificação alemã. O que se evidencia com mais intensidade é a forma como os diferentes indivíduos de uma cidade interiorana do leste alemão se arranjam nos anos que sucedem ao colapso da RDA. As profundas alterações provocadas pela dissolução das estruturas sociais nas quais as personagens estavam inseridas até então colocam-nas em situações de insegurança e medo.

Na visão retrospectiva do romance, porém, a RDA é rememorada sem ilusões, não há nostalgia em relação ao Estado que se desintegrou. Ao contrário, despontam histórias de injustiças cometidas contra indivíduos, como no caso do professor Dieter Schubert, que foi demitido da escola em que trabalhava sob uma falsa acusação: “porque um aluno havia escrito ‘Ex oriente Bolschewismus’ [do oriente vem o Bolchevismo] em seu caderno de temas. Acusaram o professor de saber disso [...]. Em setenta e oito foi isso, mais ou menos.”<sup>21</sup> Sob pressão da cúpula do partido, que considerou a atitude do aluno como provocação, o então diretor da escola, Ernst Meurer, demite Schubert, permitindo a condenação do professor a uma pena condicional de três anos de trabalho nas minas de lignite.

O tratamento injusto imposto ao professor é rememorado no capítulo 22, intitulado “Vorbei ist vorbei” (O que passou, passou). Entretanto, a informação sobre Dieter Schubert, que nesse meio tempo já morreu em virtude de um ataque cardíaco durante uma pescaria, é essencial para se entender os acontecimentos narrados já na primeira história. Aí é rememorada uma viagem do casal Meurer à Itália em fevereiro de 1990, quando as viagens já eram permitidas dentro da Alemanha, mas ainda não para o exterior do lado ocidental. Nessa viagem, uma excursão de ônibus, também está presente o professor Dieter Schubert que, durante uma parada perto da cidade de Assis causada por uma pane no ônibus, sobe no muro de uma catedral e começa a gritar, chamando Ernst Meurer de “roter Meurer” (Meurer vermelho) e apontando para ele como sendo “o chefão do casaco verde”.<sup>22</sup> Renate Meurer rememora a cena, relacionando-a com a época da demissão do professor em 1978: “A história aconteceu há muito tempo. E Ernst não fez aquilo de bom grado, isso eu sei.”<sup>23</sup> Mais não é dito sobre o fato neste primeiro capítulo. Apenas no capítulo 22, no qual se infere que Ernst Meurer está em tratamento psiquiátrico, o episódio é retomado.

Memórias relacionadas à RDA por vezes são apresentadas de forma a provocar o riso, como no caso da festa de aniversário de Tom:

Todos nós sentamos à mesa. Lydia empolga-se ao falar de antigamente, do que ela passou a chamar sua vida berlinense. Mastigando e engolindo, Tom conta a história de como, naquela época, durante uma *vernissage*, primeiro

---

21 Cf. Schulze 1999, p. 232: „... weil ein Schüler >Ex oriente Bolschewismus< auf sein Hausaufgabenheft geschrieben hatte. Dem Lehrer warfen sie vor, daß er davon wußte - ... Achtundsiebzig ist das gewesen, so etwa.“

22 Cf. Schulze 1999, p. 21: „Er nannte Ernst den >Bonzen in dem grünen Anorak< und wies mit ausgestrecktem Arm auf uns.“

23 Id., *ibid.*: „Die Geschichte lag weit zurück. Und gern hat es Ernst damals nicht gemacht, das weiß ich.“

a luz apagou e então as conversas ecoavam do teto. Billi e Lydia não conseguem segurar o riso. Tom explica que isso era um aparelho de escuta que funcionava mal, inversamente, como amplificador, por assim dizer. Agora também os de Wiesbaden riem.<sup>24</sup>

Rosani  
Ketzer  
Umbach

228

Aqui é lembrada a espionagem que o serviço secreto do estado – a Stasi – perpetrava contra os cidadãos da RDA. Cooptando informantes entre a população civil, além de contar com um número exorbitante de funcionários de carreira, o órgão deixou como herança à Alemanha unificada cerca de seis milhões de *dossiers* pessoais.<sup>25</sup> A escuta clandestina havia se tornado uma prática rotineira, evidenciando a busca por um “perfeito aparelho de vigilância” e a instituição do que Joachim Gauck denominou de “um estado dentro do estado”.<sup>26</sup>

Ao lado dessas memórias relacionadas a experiências de repressão na RDA, as histórias mostram personagens que perdem seus empregos e entram em crise existencial, pois estão desorientadas frente ao novo sistema, à nova ordem social que se implantou na Alemanha Oriental depois da queda do Muro de Berlim.

### O “COLAPSO” OU “DESMORONAMENTO”<sup>27</sup> DA RDA EM *LEIBHAFTIG* (2002)

Christa Wolf faz parte da geração mais antiga de escritores da literatura alemã. Nasceu em 1929 em Landsberg an der Warthe (hoje Polônia), passou a juventude sob o regime nazista e, após a Guerra, estabeleceu-se na Alemanha Oriental, onde se transformou em uma das escritoras mais importantes da RDA.

*Leibhaftig*, novela publicada em 2002, trata de uma doença infecciosa muito grave, uma espécie de septicemia que toma conta do corpo de uma escritora de Berlim Oriental. A paciente se encontra em estado crítico em consequência de uma apendicite que não foi tratada a tempo de evitar a

---

24 Cf. Schulze 1999, p. 67: „Wir setzen uns alle an den Tisch. Lydia schwärmt von früher, über das, was sie neuerdings ihr Berliner Leben nennt. Kauend und schluckend erzählt Tom die Geschichte, wie damals bei einer Vernissage erst das Licht ausging und dann die Gespräche von der Decke widerhallten. Billi und Lydia prusten los. Tom erklärt, daß das eine Wanze war, die falsch funktionierte, verkehrt herum, als Verstärker sozusagen. Jetzt lachen auch die Wiesbadener“.

25 Cf. Gauck 1991, p. 11.

26 Idem, p. 61.

27 Traduções sugeridas para a palavra “Zusammenbruch”, que tem significado central para a novela.

contaminação e é internada num hospital do leste de Berlim, onde uma equipe médica a atende. Narrada em tempo presente, a ação se desenrola nos meses que antecedem a queda do Muro, na fase final da RDA.

A superfície da narrativa é constituída pelo relato sensível dos procedimentos médicos e pela descrição minuciosa da rotina no hospital durante as diversas fases da internação da narradora-personagem, com muitos detalhes realistas que evidenciam, além da escassez de materiais básicos como luvas cirúrgicas e medicamentos, a estrutura hierárquica existente no corpo clínico do hospital. A paciente registra seu próprio comportamento e as intervenções médicas às quais é submetida enquanto espera pela cirurgia, sem nunca mencionar o próprio nome, na terceira pessoa: “sie” (ela) ou então “die Patientin” (a paciente). Com isso, assinala sua situação como objeto dos cuidados terapêuticos, criando uma diferenciação entre seu estado psíquico e físico.

Nesse fio condutor da narrativa, são inseridas memórias de acontecimentos narrados em primeira pessoa. Mas essa divisão em perspectivas diferentes não é fixa, ao contrário, há uma constante mudança de perspectiva e, conseqüentemente, também das fronteiras entre presente e passado, entre presente e memória. Soma-se a isso a descrição dos estados de semiconsciência ou delírio provocados pela febre alta durante longos períodos da hospitalização e a presença do acompanhante da escritora, a quem ela se dirige utilizando a forma de tratamento em segunda pessoa: “du” (tu/você).

Em sua descrição do desenvolvimento da doença, a narradora-personagem ressalta a luta da equipe médica para salvar-lhe a vida, extirpando o foco infeccioso de seu abdômen e tentando identificar a bactéria causadora da infecção – a fim de definir o medicamento que pode salvá-la. O que chama a atenção dos médicos é que os mecanismos de defesa da paciente são extremamente fracos, pois o médico-chefe lhe diz, admirado: “Eu gostaria muito de saber o que enfraqueceu tanto assim o seu sistema imunológico.”<sup>28</sup> Com os meios da medicina convencional, não é possível contornar essa baixa imunidade. A narradora percebe a gravidade de seu caso ao ouvir do médico que “o desenvolvimento da doença não justificaria completamente o colapso da minha defesa imunológica”.<sup>29</sup>

A partir da palavra “colapso”, central para a novela, a narradora re-flete sobre os mecanismos de defesa do organismo e, aos poucos, começa

---

28 Cf. Wolf 2002, p. 125: „Ich würde doch ganz gerne wissen, was Ihr Immunsystem derartig geschwächt hat“.

29 Id., *ibid.*: „... der Krankheitsverlauf begründe nicht ausreichend den Zusammenbruch meiner Immunabwehr“.

a entender sua imunodeficiência, levando em conta suas lembranças – “a memória como ilhas”<sup>30</sup>, sentimentos e pensamentos que se desenvolvem de forma associativa quando está acordada ou em viagens oníricas:

Ele [seu corpo] aprende a se manter vivo em posição desfavorável, enquanto o cérebro, provavelmente a fim de não contrariá-lo, parou de funcionar, desligou-se, totalmente voltado aos sinais do corpo, com apenas uma exceção: o lembrar. Ou em todo caso suas formas rudimentares. Não que eu pudesse sangrar aleatoriamente minha memória. Mas no torrão firme no qual eu me seguro dentro do mar do inconsciente, passam boiando, sem serem chamados, pedaços de lembranças irregulares.<sup>31</sup>

A febre alta e as cirurgias às quais é submetida fazem com que a narradora tenha períodos de delírio e semiconsciência, dos quais, porém, emergem lembranças relacionadas à vida na extinta RDA. Em suas memórias, a própria biografia é confrontada com a de seu amigo de faculdade, Hannes Urban, cuja ascensão posterior dentro da burocracia cultural do regime o leva a conflitos pessoais e políticos insolúveis.

No ponto mais crítico de sua doença, a narradora reconhece que sua identificação inicial com a ideia do humanismo socialista levou-a a perceber a falência da RDA como colapso pessoal. Reconhece também que seu silêncio sobre os arbítrios do regime – imposto pela censura ou pela autocensura – e as consequências disso sobre suas relações pessoais tornaram sua linguagem falsa. E justamente a tentativa de escrever de forma autêntica, de utilizar a linguagem com autenticidade, seria o objetivo de seu trabalho como escritora. A partir dessa autoconscientização, o caminho para a superação do estado de semiconsciência e delírio febril da narradora está aplainado: paralelamente à sua mudança interior, o tratamento médico obtém sucesso e a doença é superada.

Alusões e associações ao final da narrativa evidenciam que é a situação vigente na RDA antes da revolução de 1989 que está sendo descrita metaforicamente por meio da doença da narradora. Seu estado geral reflete as dificuldades existenciais relacionadas à superação de um colapso, que simbolicamente representa o projeto do socialismo na RDA.

30 Idem, p. 5: „Inselhaft das Gedächtnis“.

31 Idem, p. 70-71: „Er [ihr Körper] lernt sich in ungünstiger Lage am leben zu erhalten, während das Gehirn, wohl um ihm nicht in die Quere zu kommen, seinen Betrieb eingestellt, sich abgeschaltet hat, ganz den Körpersignalen zugewandt, bis auf eine Ausnahme: das Erinnern. Oder jedenfalls seine rudimentären Formen. Nicht daß ich beliebig mein Gedächtnis anzapfen könnte. Doch an der festen Scholle in dem Meer von Unbewußtem, auf der ich mich halte, treiben Erinnerungsbrocken vorbei, ungerufen und unregulierbar“.

Resulta disso um texto literário construído de forma que os diferentes níveis da narrativa se integrem, sem que haja quebras. No fio condutor do relato, constituído pela descrição da rotina diária no hospital, entrelaçam-se cenas de experiências individuais da narradora-personagem, de seus delírios febris e estados oníricos provindos das seguidas anestésias e, ainda, referências mitológicas – Hades, por exemplo – e poéticas – Goethe sobretudo – e as memórias relacionadas à realidade cotidiana durante os 40 anos de história da RDA.

Christa Wolf consegue, dessa forma, mostrar a imagem do colapso de um sistema, metaforizado como corpo ou organismo afetado por uma doença grave. O título “Leibhaftig” (em pessoa) remete ao colapso corporal, físico, da protagonista, que só consegue superá-lo ao tomar consciência da própria subjugação ao sistema.

*Antes  
e depois da  
revolução  
de 1989 na  
Alemanha:  
memórias  
e histórias*

---

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

231

Entre as tendências apontadas por Emmerich na literatura alemã pós-Muro, aquela de autores que viveram sob o comunismo é fortemente marcada por memórias relacionadas à vida no antigo regime. Percebe-se, em suas obras, a elaboração de experiências do passado ao mesmo tempo em que surgem experiências atuais sob o impacto das mudanças profundas que ocorreram na sociedade.

As três obras aqui enfocadas podem ser enquadradas nessa tendência. Trata-se de narrativas literárias publicadas depois da “revolução pacífica” de 1989 na Alemanha, nas quais memórias e histórias trazem embutidas experiências com regimes ditatoriais, tais como dirigismo ideológico, perseguição política e espionagem, sobretudo no conto de Herta Müller e na novela de Christa Wolf. Ambas as narrativas estão ambientadas em países comunistas e tratam do colapso desse sistema. Isso também ocorre no romance de Ingo Schulze, quando este aborda experiências de repressão política anteriores à queda do Muro de Berlim. A maior parte de sua obra, entretanto, é constituída de histórias ambientadas na Alemanha pós-Muro. Nelas, surgem personagens desorientadas, desempregadas e, por isso, desamparadas e com dificuldades financeiras. A essas, o novo sistema raramente oferece chances de integração, apresentando-se, antes, como um mundo indiferente e hostil, no qual o mercado dita as regras e convida ao consumo. Por outro lado, esse ambiente sugere liberdade de ação e a realização de atividades que anteriormente, durante a ditadura, nem sequer eram cogitadas.

O romance de Ingo Schulze, ao descrever pequenas situações cotidia-

nas, evidencia o desmoronamento de um mundo, uma ruptura como a que sucedeu em muitas biografias após a “revolução pacífica” de 1989. Seus protagonistas, oriundos da província oriental da Alemanha, às vezes contam histórias rememorando tempos passados. “Por que estou contando isso? Porque a gente esquece tão rapidamente,”<sup>32</sup> diz a narradora de uma das histórias, sugerindo a conservação da memória como seu mote. Mas não se trata, na rememoração do romance, de demonizar a ditadura, nem de inocentá-la.

Rosani  
Ketzer  
Umbach

232

Esse seria um cuidado que também a historiografia deveria ter ao descrever o regime, de acordo com Stefan Wolle. Para este historiador, o importante é mostrar o entrelaçamento da repressão política com o cotidiano, isto é, a dimensão demoníaca do que parece inofensivo e o lado cotidiano-inofensivo do demoníaco.<sup>33</sup> Em seu livro ironicamente intitulado “Die heile Welt der Diktatur” (O mundo maravilhoso da ditadura), Wolle escreve sobre o cotidiano e a dominação na RDA entre os anos de 1971 a 1989 e enfatiza que a memória humana tende a reprimir certos acontecimentos do passado à medida que o tempo passa, principalmente quando eles estão associados com submissão, ilusões ou humilhações sofridas. No final, compara os antigos dominadores da Alemanha Oriental a atores que saem do palco após a representação teatral, chegando à seguinte “moral da história”: “Ela diz que a doutrina da liberdade não pode ser mais importante que a liberdade concreta do indivíduo, que a igualdade não deve, de modo algum, eliminar o direito à desigualdade e que a fraternidade nunca deve se voltar contra o irmão.”<sup>34</sup>

*Recebido em 30 de outubro de 2009 / Aprovado em 10 de dezembro de 2009*

32 Cf. Schulze 1999, p. 23: “Warum ich das erzähle? Weil man so schnell vergisst.”

33 Cf. Wolle 1998, p. 17.

34 Cf. Wolle 1998, p. 344: “Sie lautet, daß die Doktrin der Freiheit nicht wichtiger sein kann als die konkrete Freiheit des Individuums, daß die Gleichheit keinesfalls das Recht auf Ungleichheit beseitigen und die Brüderlichkeit sich niemals gegen den Bruder richten darf.”

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARNER, Wilfried (Org.) **Geschichte der deutschen Literatur von 1945 bis zur Gegenwart**. München: Beck, 1994.

**DTV-Lexikon**. Vol. 15. München: Deutscher Taschenbuch Verlag, 1973.

EMMERICH, Wolfgang. Das literarische Feld Deutschland – 15 Jahre nach der Wende. In: **Revista de Filología Alemana** 2006, vol. 14, p. 113-130.

EMMERICH, Wolfgang. **Kleine Literaturgeschichte der DDR**. Erw. Neuausg. Berlin: Aufbau, 2000.

GAUCK, Joachim. **Die Stasi-Akten**. Das unheimliche Erbe der DDR. Reinbek: Rowohlt, 1991.

KOTRE, John. **Weißer Handschuhe**. Wie das Gedächtnis Lebensgeschichten schreibt. München; Wien: Hanser, 1996.

MÜLLER, Herta. Die rote Blume und der Stock. In: RÜTHER, Günther (Org.) **Literatur in der Diktatur**. Schreiben im Nationalsozialismus und DDR-Sozialismus. Paderborn: Schöningh, 1997, p. 53-57.

SCHULZE, Ingo. **Simple Storys**. Ein Roman aus der ostdeutschen Provinz. München: DTV, 1999.

UMBACH, Rosani. Violência e repressão: memórias autobiográficas, ficção e história. **Literaturas, Artes, Saberes**. Anais do XI Encontro Regional da ABRALIC, 2007. São Paulo, SP, p. 01-07.

WOLF, Christa. **Leibhaftig**. München: Luchterhand, 2002.

WOLLE, Stefan. **Die heile Welt der Diktatur**: Alltag und Herrschaft in der DDR 1971–1989. Berlin: Links, 1998.

*Antes  
e depois da  
revolução  
de 1989 na  
Alemanha:  
memórias  
e histórias*

---

233